

CONSULTA DE ENFERMAGEM NA CENTRAL DE QUIMIOTERAPIA DE UM HOSPITAL ESCOLA DE ALAGOAS

1. Dilma Ferreira Silva de Souza
2. Silvana Maria Barros de Oliveira
3. Lays Nogueira Miranda
4. Vivian Marcella dos Santos Silva
5. Givânia Bezerra de Melo

Introdução: A Consulta de Enfermagem (CE) é parte integrante do processo assistencial de enfermagem, sendo esta, uma atividade privativa do Enfermeiro, conforme Resolução COFEN -159/1993^{1,2}. Proporciona ao Enfermeiro integrar a Educação em Serviço, pois tem por objetivo dar orientações ao paciente e seus familiares/responsáveis para que possam lidar melhor com a situação de morbidade no contexto biopsicossocial em que estão inseridos. **Objetivo:** Descrever a experiência de um grupo de Enfermeiras do Setor de Quimioterapia (QTA) de um Hospital Público de Alagoas, na realização das Consultas de Enfermagem do paciente que inicia tratamento com quimioterápicos antineoplásicos. **Descrição Metodológica:** Trata-se de um relato de experiência de enfermeiras no consultório de enfermagem do Hospital Universitário Prof^o Alberto Antunes (HUPAA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O estudo é descritivo, pois está interessado em resumos abrangentes dos fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los³. Teve como cenário a Central de Quimioterapia do HUPAA, onde as CEs começaram juntamente com a implantação do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (CACON). **Resultados:** As CEs são utilizadas como uma estratégia de intervenção com múltiplos objetivos, que incluem o acolhimento do paciente em seu primeiro dia de quimioterapia; orientações referentes ao protocolo quimioterápico prescrito, relacionando as reações adversas específicas e ensinando o manejo a essas toxicidades, que muitas vezes pode exigir a adoção de novos hábitos de vida e abandono de hábitos prejudiciais ao tratamento e ao prognóstico; esclarecer dúvidas; levantar as necessidades pessoais do paciente; dar suporte ao paciente e seus familiares em seus medos impostos pela patologia; estabelecer um canal de comunicação enfermeiro-paciente favorecendo uma relação de confiança que permita uma assistência personalizada com potencial para garantir uma melhor adesão ao tratamento; e estabelecer uma responsabilidade compartilhada pelo profissional-paciente-família na trajetória que compreende a terapêutica antineoplásica. Como parte da Política Nacional de Humanização, **HumanizaSus**, este acolhimento refere-se a uma postura ética, proporcionada por pessoa capacitada, em nossa realidade, o Enfermeiro que implica compartilhamento de saberes, necessidades, possibilidades e angústias, favorecendo o reconhecimento do paciente como sujeito e participante ativo no processo de produção da saúde⁴. O que demonstra a importância desta acolhida feita pelo enfermeiro para abertura do vínculo fortalecido ainda mais, com a sua

1. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. dilmal_enf@hotmail.com
2. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Enfermagem Oncológica/INCA. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. sbarros_qta@yahoo.com.br
3. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Nefrologia. vivianmarcella1@gmail.com
4. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Terapia Intensiva. laysnm@hotmail.com
5. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Saúde Mental. givanya@hotmail.com

comunicação, que tem caráter terapêutico, visto que, consiste na capacidade de ajudar o outro a conviver e ajustar-se ao que não pode ser mudado, encorajando-o a enfrentar seus problemas⁵. Com vistas, de aperfeiçoar nossa prática, foi elaborado um Manual de Orientação para Consultas de Enfermagem em Quimioterapia Antineoplásica relacionando informações importantes como drogas administradas em cada protocolo, toxicidades e condutas de enfermagem para cada efeito adverso; organizou-se também um Impresso para Consulta de Enfermagem com dados da patologia e comorbidades, dados epidemiológicos e indicação do acesso vascular se periférico ou central, com a finalidade de garantir a administração de QTA com segurança em todos os aspectos do tratamento. Atualmente são realizadas aproximadamente 300 CEs a cada ano e como consequência percebe-se uma abrangência da enfermagem na comunicação da equipe intra e interdisciplinar e uma maior participação do paciente e da família nas tomadas de decisões frente às circunstâncias que permeiam a QTA. Nossa experiência como enfermeiras de uma Central de QTA, tem mostrado um grande diferencial na adesão ao tratamento por parte dos pacientes que chegam ao consultório, imersos na dúvida, medo dos efeitos adversos da QTA conhecidos até então, pelo senso comum, além do desconhecimento da terapêutica. Reconhecendo o paciente oncológico como um paciente diferenciado pela inerência do “ser paciente com câncer”, incluindo a ligação histórica da doença com a dor, o sofrimento e as questões da finitude, entendemos que a QTA o torna especialmente vulnerável e é neste sentido que a CE tem seu diferencial.

Conclusão: Realizar CEs em quimioterapia é um desafio ao enfermeiro que necessita manter-se atualizado quanto aos inúmeros protocolos quimioterápicos que surgem diariamente; isso porque as orientações quanto ao manejo das toxicidades específicas das drogas utilizadas no protocolo de cada paciente, é o foco de atenção primária da consulta de enfermagem. Conhecer o câncer, com suas especificidades na diferenciação de cada tumor e como ele reage à terapêutica com antineoplásicos é imprescindível para o enfermeiro atuante no setor de QTA. O domínio dessas informações incluindo as reações adversas, doses, tempo de infusão e especificidades de cada droga, além do manejo na seleção do acesso venoso ideal para administração de QTA prevenindo o extravasamento e estando apto para aplicar as manobras necessárias a estas intercorrências, norteiam a prática do enfermeiro e oferecem subsídios para o fornecimento de orientações ao paciente e seu acompanhante. A velocidade do mundo técnico-científico exige aprimoramento profissional e preparo para lidar com os aspectos subjetivos ao câncer; o resultado deste aperfeiçoamento dos enfermeiros é o desenvolvimento de habilidades para melhorar sua prática, maximizando a qualidade e obtendo resultados mais satisfatórios na arte de cuidar na atenção especializada a pacientes oncológicos. **Contribuições:** A experiência demonstra que o paciente que recebe tais orientações sente-se mais seguro para superar as toxicidades da QTA e disposto a cooperar com o seu tratamento. Sendo a CE uma atividade acolhedora e educativa imprescindível para a assistência de enfermagem neste serviço, tornando-se um facilitador da adesão ao tratamento e conseqüentemente da melhor resposta à

1. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. dilmal_enf@hotmail.com
2. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Enfermagem Oncológica/INCA. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. sbarros_qta@yahoo.com.br
3. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Nefrologia. vivianmarcella1@gmail.com
4. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Terapia Intensiva. laysnm@hotmail.com
5. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Saúde Mental. givanya@hotmail.com

terapêutica proposta. Acrescenta-se a isso, o fato de a instituição ser um hospital-escola, que recebe em cada setor, acadêmicos, enfermeiros e residentes, futuros atores da assistência de enfermagem, que visualizam e aprendem a integrar ensino-prática-atividade educativa, fortalecendo sua formação para saber-fazer.

Descritores: Enfermagem Oncológica; Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionadas a Medicamentos; Comunicação em Saúde.

Eixo II – Formação em Enfermagem e o cenário atual do trabalho em saúde nacional e internacionalmente: discrepância entre o desejo da competência profissional e a demanda do mercado de trabalho.

Área Temática: Integração Ensino Serviço – Quando o Trabalho e a Escola se integram

Referências

1. BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. **Lei Nº 7.498/86, de 25 de junho de 1986.** Dispõe sobre a regulamentação do exercício profissional da Enfermagem e dá outras providências.
 2. BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. **Decreto Nº 94.406/87, de 08 de junho de 1987.** Regulamenta a Lei Nº 7.498/86, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício de Enfermagem, e dá outras providências.
 3. POLIT, D.F.; BECK, C.T. Planos de Amostragem. In: **Fundamentos da Pesquisa em Enfermagem:** avaliação de evidências para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2011.
 4. BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde.** 2. ed. 5. reimp. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.
 5. NEGREIROS, P.L.; FERNANDES, M.O.; MACEDO-COSTA, K.N.F.; SILVA, G.R.F.; Rev. **Eletrônica de Enfermagem:** Comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes de uma unidade hospitalar. 2010. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n1/pdf/v12n1a15.pdf, acesso em 11 de junho de 2014.
-
1. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. dilmal_enf@hotmail.com
 2. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Enfermagem Oncológica/INCA. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. sbarros_qta@yahoo.com.br
 3. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Nefrologia. vivianmarcella1@gmail.com
 4. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Terapia Intensiva. laysnm@hotmail.com
 5. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Saúde Mental. givanya@hotmail.com

1. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. dilmal_enf@hotmail.com
2. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Enfermagem Oncológica/INCA. Enfermeira do CACON/HUPAA/UFAL. sbarros_qta@yahoo.com.br
3. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Nefrologia. vivianmarcella1@gmail.com
4. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Terapia Intensiva. laysnm@hotmail.com
5. Mestranda em Enfermagem/UFAL. Especialista em Saúde Mental. givanya@hotmail.com